

DOI: 10.46943/XI.CONEDU.2025.GT01.062

EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO PARA O LAR: INSURGÊNCIA DOCENTE

Alessandra da Silva Rezende Souza¹

RESUMO

Esta proposta visa me inserir como sujeito aprendente, consciente das dimensões sociais, afetivas, subjetivas, políticas, culturais e tantas outras que atravessam meu itinerário de vida, capazes de transformar pensamentos e ações, unir experiências e vivências em um projeto de formação amplo, em suas esferas temporal, singular e plural. É neste sentido que me apoio teoricamente nas contribuições de Josso, e assim, resgato uma memória especial dos tempos de escola, nos anos de 1990, capaz de contribuir com meu processo de pesquisa-formação. A recordação-referência tem como locus uma aula de Educação para o Lar, ministrada por uma professora na qual chamo de Dora. Com seu ritmo próprio, a professora experiente nos caminhos pela docência, sutilmente conduzia o grupo de meninas por uma outra via, a via da desconstrução, a via da insurgência através de espaços que acolhiam a dança e o riso no lugar das receitas rígidas, padronizadas. Será que Dora queria denunciar seu descontentamento em ser a professora que nos prepararia para as tarefas domésticas, e a mais árdua de todas, nutrir e ser nutrida? Talvez Dora soubesse disso e por tal razão não imprimia esforço em nos conectar com uma educação para o lar. Certamente há Doras, que percorrem caminhos sinuosos pela Educação e fazem outras meninas e meninos acreditarem que todo ser é feito de sonhos, desejos, subjetividades em constante construção. Há

1 Doutoranda do Programa de Pós Graduação da Faculdade de Professores da UERJ. Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais, alessandrasmartins@hotmail.com

aquelas que serão silenciosas, mas não silenciadas, que nos conduzirão com coragem e marcarão nossas vidas suavemente como o pouso de uma borboleta sobre uma flor. Quebrarão paradigmas ensinando que para é preposição que liga dois termos em uma oração (Educação/meninas) com muitas outras relações (vida/alegria/empoderamento).

Palavras-chave: pesquisaformação, recordação-referência, insurgência docente

INTRODUÇÃO

Rememorar e publicizar as histórias de vida configuram dispositivos de uma *pesquisaformação* (JOSSO, 2010) por comportar, na atividade narrativa (que é viva e transitória), a inscrição de um sujeito aprendente consciente das dimensões sociais, afetivas, subjetivas, políticas, culturais e tantas outras que atravessam seu itinerário de vida, capazes de transformar pensamentos e ações, unir experiências e vivências em um projeto de formação amplo, em suas esferas temporais, singular-plural pelo sentido que cada ser humano dá à sua existência. É neste sentido que resgatei uma memória especial dos tempos da minha adolescência para esta introdução.

Até os meus 25 anos morei em um bairro da zona oeste do Rio de Janeiro chamado Campo Grande, uma antiga fazenda que produzia laranjas e ao logo do século XX viu expandir as ocupações residenciais e um forte comércio. Bairro vizinho de Sepetiba e Santa Cruz, nos quais há um porto e a Casa da Moeda, respectivamente. Campo Grande foi aos poucos ganhando notoriedade em oportunidade de emprego e boas escolas públicas.

Como o próprio nome do bairro aponta, seus estudantes eram oriundos de muitos lugares, sub-bairros como Vila Nova, Oiticica, Inhoaíba, dentre outros, revelam que estudar em uma escola próxima da minha residência era naquela época um privilégio.

Quando cursei o segundo segmento do ensino fundamental, muito provavelmente entre a 6ª e 7ª série, tinha como parte do currículo escolar aulas de Educação para o Lar. As meninas frequentavam essa disciplina, enquanto os meninos tinham aulas na oficina, mexendo com madeiras e outros artefatos típicos de marcenaria. Isso entre os anos de 1997 e 1998. Entre esses mesmos anos vivíamos o governo de Fernando Henrique Cardoso e nosso país ainda atravessava anos de instabilidade financeira, mesmo com os desdobramentos positivos da implantação do Plano Real. No cenário das Artes, Central do Brasil, com a direção de Walter Salles e

Fernanda Montenegro no papel principal, expandia o cinema nacional até a indicação ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

Me recordei ter assistido ao filme, tempos depois na TV aberta, com o deslumbre de ver uma grande atriz no papel de uma professora nada convencional. Dora cobrava para escrever cartas para passageiros analfabetos que cruzavam a Central do Brasil. Tais cartas, que não eram postadas, serviram de elo, ainda na minha adolescência, para começar a compreender que somos muito mais que palavras, porém são elas que nos ajudam a ganhar vida e memória.

Chamarei minha professora daquele ano de Dora, pois sua imagem se assemelhava um pouco à Dora do filme de sucesso, exceto pelos cabelos bem curtos onde as orelhas ficavam a mostra e seus fios brancos bem uniformes. Pele clara e voz muito mansa, nós da turma, fazíamos esforço para ouvi-la. Nada de palavrões como a Dora de Central do Brasil, sua imagem não refletia sequer que fosse capaz de pensar palavras ofensivas, muito menos dizer-las.

Certo dia, sua aula tinha o objetivo de nos ensinar a fazer pão de queijo. Chegamos cedo, pois desde a semana anterior sabíamos que teríamos tal atividade. Qualquer receita era um bom motivo para deixar a aula mais atraente, por mais simples que fosse. A turma era bem bagunceira, mesmo sendo composta por meninas, o que o senso comum pode tratar como algo atípico. Falávamos, cantávamos o tempo todo. Claudinho e Buchecha era a dupla que fazia sucesso naquela época e tocavam muito suas músicas na rádio da escola. Só love era cantada e dançada com toda energia adolescente. Curiosamente Dora não chamava nossa atenção. Ela simplesmente começava a falar com sua voz mansa e todas nós íamos baixando o tom até fazer um grande esforço para entender os passos da receita.

Entre cada ingrediente nós só observávamos. A mão na massa era apenas da professora. A sala tinha todo aparato necessário: armários, pia, vasilhas, uma bancada lateral e outra no centro da sala, forno e refrigerador. A escuta necessitava combinar com o olhar atento aos movimentos

de Dora que não pedia silêncio, muito menos atenção. Simplesmente abria seu caderno velho de receitas escritas à mão, adicionava os ingredientes e mexia-os com suas próprias mãos. Ela parecia gostar do que fazia e não convencia ninguém ao mesmo, seguia seu próprio ritmo.

Algumas meninas mais atrevidas tentavam pegar o caderno de Dora no intuito de saber quem o escreveu, se era somente de receitas, que outros escritos tinham ali, mas o caderno e Dora eram inseparáveis, quase colados um ao outro, nenhuma brechinha havia para espiar o que mais tinha ali. Inseparáveis pareciam os únicos a falar a mesma língua e nós seguíamos observando e controlando os risos bem frouxos.

Tudo era orquestrado por Dora: a leitura da receita, cada ingrediente manipulado, os bolinhos moldados na palma das mãos, o acendimento do forno e a limpeza da bancada enquanto a mágica acontecia. Educação para o Lar tinha uma cadência singular através da Dora, possivelmente havia aprendido assim e nos transmitia a mesma frieza em gestos e poucas palavras mansas. Dora era naquele momento uma espécie de avó fazendo uma receita de domingo, embora nunca tenha visto minhas avós cozinhando, posso até acreditar que esta não era a tarefa doméstica que mais apreciavam.

Adquirir as habilidades para uma educação para o lar necessitava, para mim, atravessar um longo percurso que contava com o desejo de não ser educada para o lar. Pelo menos, não com aqueles requisitos nos quais subjetivamente eram acrescentados um casamento e filhos para cuidar. Será que Dora queria na verdade isso? Não nos educar para o lar? Será que Dora queria denunciar seu descontentamento em ser a professora que nos prepararia para as tarefas domésticas, e a mais árdua de todas, nutrir e ser nutrida?

Aquela aula certamente não durou mais que dois tempos, uma hora e vinte minutos, menos pode até ser, porém mais que isso provavelmente não. Certo é que, em tão pouco tempo, Dora temperou estranhamente meu pensamento sobre tudo aquilo. A companhia das meninas era muito boa, mas se pudesse escolher, eu estaria na oficina de pintura e marce-

naria, estar ali seria a última opção. Talvez Dora soubesse disso e por tal razão não imprimia esforço em nos conectar com aquele ritmo inventado por ela.

Pode ter sido esse o jeito que encontrou de ser generosa conosco, não tornando a cozinha atraente demais aos nossos olhos. A nossa cantoria e movimentos dançantes não cabiam numa ideia equivocada de Educação para o Lar, algumas de nós queriam inventar seus próprios rap's, mostrar seus passos de hip hop e funk. Alguma coisa hoje me diz que Dora sabia que nos domesticar era parte do jogo. Por isso criou regras próprias para subverte-lo.

O tempo passou e a sala ganhou os odores de pão assado. Jamais poderia imaginar o desfecho daquela que seria minha última aula com Dora. Após retirar o pão de queijo do forno, ele estava duro feito pedra. A turma estava eufórica, não nos contínhamos nas gargalhadas. Na bancada alguns saquinhos amarrados no canto da pia. A professora constatou que confundiu gesso com polvilho. A sala tinha outros materiais que não eram apenas destinados às aulas de culinária e isso causou um burburinho pela escola. Nunca soubemos se uma de nós, estudantes, fez isso propositalmente ou se foi mesmo um descuido da professora Dora. Fato é que até mesmo ela se rendeu às risadas daquele evento inesperado. Um ingrediente surpresa nada convencional.

Não garantimos o lanchinho no final da aula, nem fez diferença, valeu muito mais ver Dora sorrindo conosco e entrando em nossa graça e bagunça. Se foi um descuido ou uma brincadeira de mau gosto, não saberemos, mas foi agradável compactuar com tudo aquilo. A bagunça pode ter distraído Dora, alguém astuto suficiente pode ter sabotado a receita. Hoje isso não importa. Todas saímos sem ingerir o alimento que nos traria prejuízos em nossa saúde e pensando bem, saímos também sem empurrar goela a baixo um currículo pequeno demais para nós. Saboreamos juntas outras delícias, o erro, o riso, o encontro, Tal qual o enredo de Central do Brasil.

Às Doras, muitas outras Doras, que percorrem caminhos sinuosos pela Educação me fazem acreditar que todo ser é feito de sonhos, desejos. Há

aquelas que serão silenciosas, mas não silenciadas, que nos conduzirão com coragem e marcarão nossas vidas suavemente como o pouso de uma borboleta sobre uma flor. Quebrarão paradigmas com risos e ensinarão que *para* é proposição que liga dois termos em uma oração (Educação/meninas) com muitas outras relações (vida/alegria/empoderamento). Sim! Ganhamos, não um Oscar, um prêmio material, ganhamos quando ampliamos a Educação para a vida, quando educamos meninas para serem empoderadas, emancipadas, livres para escolher seus próprios caminhos.

METODOLOGIA

As lembranças de escola que vivi contêm elementos simbólicos importantes na tessitura da professora que sou hoje, na construção identitária do meu processo de *pesquisaformação*. A alegria, o riso diante do inesperado, o imprevisível. A reação positiva diante da constatação que somos sujeitos errantes e que o planejamento, crucial para qualquer atividade pedagógica, é suporte, porém o vivido, o experienciado transborda sentidos e subjetividades capazes de ressignificar eventos e expectativas.

Escolhi tal recordação-referência (JOSSO, 2010) para este trabalho, por acreditar em nossa ação reflexiva, na escrita de si como uma possibilidade de insurgência, e quebra de padrões há muito tempo consolidado também no meio acadêmico. As questões de gênero e raça são atravessamentos que não escolhi, são parte da identidade que me constitui. Portanto, escrever tomando como base essas questões passou a configurar meu modo de permanência na formação continuada, tão cara do ponto de vista da desigualdade social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pelas contribuições de Josso (2006, p.375) é possível compreender como as relações humanas podem ser transformadoras ou deformadoras e o uso da metáfora dos nós de marinheiro evidencia a complexidade da

ligação das histórias de vida. Neste sentido, concordamos com a autora quando afirma que não há ser humano que não esteja religado a alguém, mesmo que simbolicamente, “e ainda menos, história sem a constituição de ligações entre acontecimentos materiais e psíquicos de nossas vidas em suas dimensões individuais e coletivas”.

Sendo assim, ao conhecermos as simbologias que circundam nossas histórias, nossa existência, por uma presença consciente das intencionalidades que movem os nossos processos formativos, é possível reorientarmos nossa visão de mundo e curso de nossas histórias. Construiremos narrativas com significações que julgamos serem importantes para nossa existencialidade e praticar ações mais humanizadas na relação do nosso mundo interior com o espaço exterior, sejam eles naturais, públicos, sociais ou institucionais.

O currículo pedagógico do meu tempo de adolescência fazia parte de um contexto histórico, no qual as lei 10.639/03 e 11. 645/08 que tratam da obrigatoriedade do ensino e estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena, respectivamente, ainda não vigoravam. No entanto, muitas literaturas, antes mesmo disso, já apontavam a urgência de trilhar caminhos não segregadores. Hoje, como professora negra da rede municipal de ensino em Macaé, norte fluminense, em processo de letramento racial, preciso em minhas mediações considerar as práticas antirracistas não como ferramenta de composição de aulas temáticas, mas como meio de interlocução constante.

O racismo é essa peste, olhar odioso que afeta o Outro, visada de ódio e intolerância ao Outro, o racismo é essa maneira funesta de pensar e agir, fruto de uma vontade totalitária em seu duplo afã de extirpar do Outro o seu modo de gozo e, ao mesmo tempo, de lhe impor o nosso.

Contra o racismo de todas as cores, de todos os sexos, de todas as crenças, de todas as línguas, de todas as culturas, de todos os países, contra esse horror, que nos valha o estrangeiro – o estrangeiro de toda a parte, o estrangeiro do exterior e do interior de nós mesmos (SOUZA, p. 130).

Com as crianças, além dos “conteúdos” das aulas, minha figura exerce o acesso à representatividade e isso já serve de grande responsabilidade afetiva, cognitiva, social. Enquanto professora que lida com infâncias da periferia meu compromisso em ampliar horizontes não está descolado da dura e triste realidade de marginalização dos corpos que habitam as favelas. Sobre a dimensão subjetiva atrelada à representatividade nos processos de ensino-aprendizagem, destaco a contribuição de Pinheiro (2023, p. 24) ao defender que: ‘aprender um conhecimento específico está para além do aparente da especificidade, está para além do mero conteúdo, esse processo desenvolve nossa humanidade em nós.

O marcador racial e de gênero é base para me entender dentro de um processo de desconstruções, bebendo da fonte do meu passado para viver um presente consciente de criticidade, capaz de projetar um futuro sólido nas referências teóricas e metodológicas a orientar minhas produções como pesquisadora do campo das narrativas, por exemplo. E é esse mesmo marcador racial que busco me apropriar para identificar e compreender as violências “pedagógicas” praticadas em instituições de ensino.

O corpo negro, historicamente concebido como objeto, ainda busca se afirmar em sua humanidade, dotada de desejos, saberes, memórias. Quando acrescentamos a questão de gênero a essa reflexão, percebemos o quanto o feminismo negro necessita ganhar espaços na sociedade, no interior das escolas.

A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuam fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos.

Movimentos feministas futuros precisam necessariamente pensar em educação feminista como algo importante na vida de todo mundo (...) Ao falhar na criação de um movimento educacional de massa para ensinar todo mundo sobre feminismo, permitimos que a mídia de massa patriarcal permanecesse como o principal local em que as pessoas aprendem sobre feminismo, e a maioria do que aprendem é negativa (HOOKS, 2024).

Pela voz de Hooks (2024) entendemos a grande responsabilidade em difundir o pensamento não patriarcal a todos da sociedade e isso diz muito sobre como faremos isso contemplando as crianças, com currículos que primam pela força da diversidade, da liberdade de ser e amar nossos corpos como eles são.

Uma das primeiras desconstruções que precisei encarar foi reconhecer que em minhas aulas o protagonismo negro não existia. As literaturas infanto-juvenis que utilizava em minhas rodas de história e conversas não contemplavam autores e autoras negras, com suas visões de mundo tão próprias do ponto de vista da resistência. Precisei buscar o letramento racial, não somente como resposta às leis 10.639/03 e 11.645/08, mas como resposta aos meus questionamentos frente a uma desigualdade social cada vez mais alargada. De acordo com Hooks (2021, p. 46), “a literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas”. É neste sentido que “A vida não me assusta”, poema de Maya Angelou com ilustrações de Jean-Michel Basquiat (2018), transformado em livro, ganhou centralidade em minhas aulas com crianças da Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Acervo pessoal, foto com crianças da rede municipal de ensino de Macaé/RJ



Maya Angelou (2018) em seu poema aqui citado escreve uma pista importante para o trabalho com crianças: “(...) nada na vida me assusta. Estranhos no escuro; Não, eles não me assustam nada. Na escola nova, um pesadelo: meninos puxam meu cabelo (meninas imbatíveis de cabelos crespos incríveis). Eles não me assustam nada”. Comunicar nossas coragens é tão importante quanto comunicar nossos medos, bem como as violências que aprendemos a superar pelo poder da narrativa.

Certa vez, com a mesma turma que aparece na foto acima, busquei reviver a experiência de estar em uma aula de culinária. Dessa vez, ocupando eu mesma o protagonismo de Dora. Pesquisamos a receita de um pãozinho, escrevemos, preparamos todo o material necessário e marcamos a data da aula que seria uma oficina de culinária. Sem segregação, meninas e meninos envolvidos na deliciosa tarefa de preparar algo especial para nutrir o corpo e à memória com as lembranças que acredito que ficarão.

Acervo pessoal, foto com crianças da rede municipal de ensino de Macaé/RJ



O que vivi ali com aquelas crianças, as reações e empenho de cada participante com real envolvimento na experimentação, propiciou que eu confirmasse em minhas práticas diárias um compromisso com a aprendizagem por meio da alegria, do contentamento que brota da interação/cooperação. Afirmando os espaços de aprendizagem como múltiplos,



não limitados, onde as crianças podem manifestar seus desejos e serem acolhidas em suas escolhas. A foto abaixo foi um registro realizado logo após a oficina e recebeu um filtro para preservar a imagem das crianças.

Outro aspecto importante a desconstruir foi a insistente separação por gênero em atividades rotineiras que nem cabiam tal despropósito. Durante os quinze anos que passei como professora/orientadora e gestora em escolas de Educação Infantil, via a divisão de meninos e meninas em filas, chamadinhas, brincadeiras das mais diversas a contar o clássico exemplo de distribuição de brinquedos: carrinhos para os meninos, bonecas para as meninas.

Por muitas vezes cometi o erro de promover competições com brincadeiras que não favoreciam compromisso fiel com o companheirismo entre gêneros. Como desejar depois que meninos respeitem meninas? Como desejar depois que meninas se vejam ocupando diferentes espaços? Como desejar que cresçam fortes diante de uma sociedade marcada pelo pacto da branquitude? Concordando com Pinheiro (2023, p.57) “aprendemos a nos subalternizar a partir de uma construção subjetiva através de um espelho quebrado (como a gente não se vê potente, a gente não se pensa potente). Está aqui a relação singular-plural para pensarmos uma comunidade amorosa na qual Hooks (2021) evidencia como potência na relação com estranhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A emancipação, como mencionada antes, precisa ser entendida fora do campo da rivalidade, afinal, a educação deveria primar, com todas as forças, pela diversidade e beleza que dela advém. Pelas recordações-referências (JOSSO, 2010), dispositivo de formação com prática reflexiva dos atravessamentos desafiadores da nossa trajetória, é possível transformar ações equivocadas em práticas pedagógicas carregadas de sentido e e alteridade solidária (JOSSO, 2010). O que trago com este trabalho não é a inauguração de novas ideias, novas formas de conceber as aprendizagens.

O que trago aqui é o desafio de desnaturalizar práticas já consolidadas há tanto tempo por nós professoras das infâncias, questionar a maneira como aprendemos a nos relacionar com os estranhos, como mencionados por Maya Angelou (2018) e Bell Hooks (2021).

Apreciar os benefícios de viver e amar em comunidade nos empodera para lidar com estranhos sem ter medo, e lhes estender o dom da abertura e reconhecimento. O simples ato de falar com um estranho, reconhecer sua presença no planeta, cria uma conexão. Todos os dias, todos nós temos a oportunidade de praticar as lições que aprendemos em comunidade. Ser bondosos e gentis nos conecta uns com os outros HOOKS, 2021, p.175).

Os outros com seus jeitos próprios de entender o mundo, estranhos, diferentes, carregam marcas e simbologias acerca do vivido e Souza (2021), define esse outro como estrangeiro, o estranho, aquele no qual não faz parte de mim. No entanto, quebrando o que diz o senso comum, a autora nos instiga a pensar esse estranho pela ótica da psicanálise que compreende esse outro como parte de nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Revisitar minha própria história através do conto aqui narrado me permite transpor algumas barreiras, especialmente aquelas ligadas a auto imagem, ao espelho quebrado, às dimensões simbólicas e subjetivas que muitas vezes conflitam e questionam: a quem interessa tal voz? Com este trabalho provoço elaborações que muitas vezes ficam invisíveis em muitas relações de poder, dentro e fora da instituição escolar, nas mais variadas tensões entre processos identitários em formação e produção da diferença.

Enquanto professora negra, que exerce o poder de liderança de muitas crianças de escolas públicas e periféricas, seguirei este caminho sem volta, o da luta por equidade racial e promoção do direito ao sonho nos currículos escolares, pelos quais toda criança deveria ser abraçada.

REFERÊNCIAS

ANGELOU, Maya. A vida não me assusta. Ilustrações de Jean-Michel Basquiat: orga. Sara Jane Boers: tradução de Anabela Paiva . Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2018.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

_____. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.

JOSSO, Marie-Christine. Experiências de vida e formação. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. As figuras de ligação nos relatos e formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.32, n.2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SOUZA. Neuza Santos. Tornar-se negro. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm

LEI Nº11.645, DE10MARÇO DE 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm